

APRENDER COLABORATIVAMENTE E ESCREVER DE MODO AUTORAL: os desafios de tornar-se pedagogo na modalidade de educação à distância

Waléria Fortes de Oliveira
Universidade de Caxias do Sul (UCS)
waleriafortes@gmail.com

RESUMO: Neste artigo apresento um “estudo de caso “ sobre a experiência vivida como aluna do curso de Pedagogia na modalidade de Educação a Distância e ao mesmo tempo como formadora de educadores e doutora em educação. Discuto alguns dos desafios enfrentados, como aprender colaborativamente e escrever de modo autoral, e também como a escrita constitui-se como um “dispositivo de formação” (CANÁRIO, 2007), contribuindo para afirmar o professor como profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Formação do Pedagogo, curso de Pedagogia na modalidade Educação a Distância, escrita como dispositivo de formação profissional.

ABSTRACT: In this article, I present a “study case” concerning the experience lived as a student of the Education Course in Distance Education Modality and at the same time as a professor of educators and a Doctor of Education. I discuss some faced challenges, such as learning in a collaborative way and writing in an authorial mode, and also how writing constitutes itself as a “formation device” (CANÁRIO, 2007), contributing to consolidate teacher as a professional.

KEY WORDS: Pedagogical formation, education course in Distance Education modality, writing as a professional formation device.

RESUMÉ: Dans cet article je présente un “étude de cas” sur l’expérience vécu en tant que élève du cours de Pédagogie dans la modalité d’Education à Distance et en meme temps comme formatrice d’éducateurs et docteur en éducation. Je mets en discussion certains des défis affrontés, comme celui d’apprendre collaborativement et d’écrire comme auteur de son texte. Je discute encore comment l’écriture se constitue comme un “dispositif de formation” (CANÁRIO, 2007), en contribuant pour affirmer l’enseignant comme professionnel.

MOTS-CLÉ: formation d’éducateur, cours de Pédagogie dans la modalité d’Education à Distance, écriture comme dispositif de formation professionnelle.

Minha experiência com as culturas audiovisual e digital

Buscando, ao mesmo tempo, a formação na área de Educação a Distância (EAD) e a atualização, urgente e necessária, como educadora, ingressei, em junho de 2006, no curso de graduação em pedagogia, na modalidade EAD, e três meses após, iniciei o curso de pós-graduação em EAD, pelo SENAC, com poucos conhecimentos e experiências nesta área – embora com uma rica experiência em ensino superior, aonde atuei, há vários anos, como professora de cursos de graduação em pedagogia e outras licenciaturas, e também com a titulação acadêmica de um doutorado em educação.

Optei também por essa modalidade para experimentar o papel de aluno que aprende e constrói conhecimento sob uma outra lógica, que não é linear em termos de organização dos conceitos, dos dados, dos materiais, o que já vem sendo vivenciado por uma parte dos meus alunos, mais jovens, que utilizam no seu dia-a-dia as tecnologias da informação e comunicação (TICs).

Nessas experiências, tive a oportunidade de analisar o que acontece na relação entre as tecnologias da informação e comunicação e conhecimento e observar duas perspectivas interessantes que é a lógica que permeia a organização dos conceitos, dos conhecimentos, uma lógica sistêmica das relações que são hipertextuais, e a perspectiva colaborativa, onde passamos de uma dimensão individual de relação com as informações, os conhecimentos para uma dimensão coletiva, “onde as relações e possibilidade de compartilhar experiências na construção do sentido são muito importantes.” (RIVOLTELLA, 2006, p. 1)

Vivenciei, assim, a passagem de uma cultura do livro ou livresca, como diz Barbero (2005), para uma cultura digital, com outro modo de conhecer, de aprender e de relação com os conhecimentos. Construindo conhecimentos – coletivamente – com outros aprendizes com múltiplas formações e experiências de vida e profissionais, tenho aprendido também a considerar a multiplicidade dos pontos de vista, das perspectivas, o que me parece muito importante quando somos profissionais educadores e responsáveis pelo processo de ensinar e aprender em qualquer espaço educativo seja presencial ou virtual.

Essas minhas experiências enquanto professora que encarna o papel de aluna – tanto no curso de pedagogia, na modalidade EAD, quanto no curso de pós-graduação em EAD – me permitiram vivenciar e, assim, valorizar o trabalho de parceria cognitiva. Apostando na força dessa parceria, com todos os que se dispõem a aprender juntos, pude revisar, mais uma vez, o meu papel como educadora.

Investida de um novo papel como educadora – parceira – descobri, então, que o mais importante não é apreender informações, mas saberes¹⁹ para que nossos educandos compreendam melhor o sentido do mundo, da vida humana, das relações com os outros aprendizes e consigo mesmo. É respeitando esse direito ao sentido, segundo Charlot (2005, p. 137-138) que, nós educadores, podemos contribuir para a construção de uma sociedade em que todos têm direito à educação – educação que é, na concepção deste autor, e na nossa também “movimento de humanização, de socialização, de subjetivação; é cultura como entrada em universos simbólicos, como acesso a uma cultura específica, como movimento de construção de si mesmo”.

A formação dos professores na perspectiva de uma cultura digital

Pela experiência que tive como aluna do curso de pedagogia, na modalidade EAD, e também como professora, acredito que a parceria cognitiva, como ressalta Lèvy²⁰, que ocorre na interação entre aluno/professor e aluno/aluno, pode forjar novas práticas - onde as diversas linguagens estão presentes e constituem-se como instrumentos fundamentais de mediação, que regulam a própria atividade e o pensamento dos envolvidos, alunos, professores especialistas e tutores - e desenvolver um espírito pesquisador e criativo, superando as práticas tradicionais em que atuamos como transmissores de informações e como únicos detentores de um saber.

Essa transformação das nossas práticas, dos nossos papéis enquanto educadores, continua sendo de vital importância neste momento em que desenvolvemos novas experiências em cursos de formação inicial de professores, na modalidade EAD, para que não continuemos reproduzindo velhas práticas, na condição de profissionais que apenas atuam como transmissores de informações (ALVES e NOVA, 2005) ou práticas não reflexivas.

Acredito que nessas novas experiências de formação de professores – em cursos à distância – possamos vivenciar outras culturas, as culturas audiovisuais e digitais, superando a separação que fazemos entre estas e a cultura letrada, escolar, livresca da escola, e experimentando, através do hipertexto, um outro modo de conhecer, de aprender, de se relacionar com os conhecimentos – atuando como mediadores que formulam perguntas, problematizam, organizam grupos e ensinam a trabalhar de modo coletivo, como propõe Barbero (2005).

Sem estas experiências de formação – transformadoras – como podemos mudar nossa postura, nossas práticas educativas na escola? Do mesmo modo, como podemos mudar se

¹⁹ “A informação e o saber não são a mesma coisa: a informação é o enunciado de um fato – fato que eu poderia, eventualmente, explorar para ganhar dinheiro; o saber começa quando o conhecimento desse fato produz sentido sobre o mundo, sobre a vida, sobre os outros, sobre mim mesmo. Dispomos, potencialmente, cada vez mais de informações, mas essas informações produzem cada vez menos sentido, saber e cultura.” (CHARLOT, B., 2005, p. 139)

²⁰ Essa discussão foi extraída do artigo Educação e cibercultura, disponível no site www.sescsp.org.br.

não houver políticas que viabilizem estas experiências, estas práticas nas quais tenhamos, como professores, oportunidades de interagir, em nossos cursos de formação inicial – desenvolvidos especialmente na modalidade EAD - com as culturas audiovisual e digital?

Como aluna de um curso de graduação em pedagogia, na modalidade EAD, assumimos alguns desses desafios, como o de estarmos disponíveis a ensinar e aprender, colaborativamente, com todos os partícipes do processo - especialmente com os nossos colegas professores que já vêm atuando como profissionais da educação, nos diferentes níveis de ensino.

Aprender colaborativamente no curso de pedagogia na modalidade EAD

Ensinar e aprender ativa e colaborativamente requer, essencialmente, uma mudança de paradigmas e posturas por parte tanto de quem ensina quanto de quem aprende. Exige que os professores especialistas e tutores abdicuem, conscientemente, do papel, tradicional, de únicos detentores dos conhecimentos, de tal modo que cada atividade proposta estimule, cotidianamente, o trabalho cooperativo entre todos, ou seja, entre professor especialista-aluno, tutor-aluno e aluno-aluno, compreendendo que nestas interações surgem os desafios que cada um necessita para ultrapassar aquilo que já sabe ou ainda não sabe mas pode vir a saber.

Importa, então, no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) estimular as interações, o ensinar e o aprender, sobretudo entre os alunos. Aqui é necessário ressaltar o papel de muitos alunos que - ao ingressarem no curso de pedagogia na modalidade EAD, já possuem uma variada e rica experiência profissional, inclusive como professores – participam de modo ativo e crítico, aprendendo e ensinando o que sabem aos outros colegas que não têm os saberes, conhecimentos e experiências na área de educação.

Tanto o papel ativo dos professores especialistas e tutores que buscam mobilizar²¹ o aluno para aprender, que estimulam as trocas, que interagem – lendo as mensagens postadas no AVA, os e-mails, os trabalhos escritos, ao longo dos estudos, e também dando retorno do que lê com questionamentos, com reflexões, que permitem ao educando construir e reconstruir seus conhecimentos – quanto o papel ativo dos educandos é crucial nessa modalidade de educação – a distância.

É justamente essa participação, intervenção, co-autoria, construção coletiva de conhecimentos, diálogo entre as mais diversas condições de interlocução entre educadores, professores especialistas e tutores, e educandos que caracteriza, em EAD, o desenho

²¹ “Em pedagogia, eu dou grande importância ao conceito de mobilização, o qual distingo do conceito de motivação (...) Não estou pensando em termos de motivação, em como vou fazer para motivar os alunos. Não é esse o problema. O problema para mim é o que posso fazer para que o aluno se mobilize. *A mobilização é um movimento interno do aluno, é a dinâmica interna do aluno que, evidentemente, se articula com o problema do desejo.* Nesse caminho (...) a dinâmica do desejo é analisada sob o ponto de vista social e também pessoal, inclusive na perspectiva do inconsciente. O sujeito do desejo é um sujeito que interpreta o mundo: interpretação de nossa vida pessoal e do que está acontecendo com os outros. Por isso, eu dou uma grande importância à idéia de sentido. Significado e sentido” (Charlot, 2005, p. 19-20).

pedagógico interativo, segundo os dados da pesquisa²² realizada por Sartori (2005), desmistificando, assim, a idéia de que é a tecnologia a responsável pela interatividade de um projeto.

Com a internet, que pode ser utilizada juntamente com outras mídias, temos enfrentado o desafio de construir conhecimento, mediados por um nível de interatividade Todos - Todos - e não mais do tipo Um-Todos, nem Um-Um - assim denominada por Pierre Lèvy em suas obras “a inteligência colectiva” e “cibercultura” e, onde os sujeitos podem trocar diferentes experiências, ao mesmo tempo.

A interatividade passa, assim, a ser designada como a possibilidade deste sujeito participar ativamente, interferindo no processo com ações, reações, tornando-se receptor e emissor de mensagens, as quais ganham plasticidade, podendo ser transformadas imediatamente.

Trata-se, portanto, de um novo cenário comunicacional, no qual a lógica da distribuição – transmissão - dá lugar para a lógica da comunicação – interatividade – mudando o esquema típico da informação que se baseia na ligação unilateral emissor-mensagem-receptor (SILVA, 2003). O emissor, ao invés de emitir uma mensagem fechada, oferece um variedade de possibilidades que são modificadas pelo receptor, ou seja, este é estimulado à criar, produzindo uma mensagem que ganha sentido sob sua intervenção.

Para enfrentar o desafio de estar em sintonia com essa modalidade comunicacional, alterando, portanto, o tradicional modelo escolar em que a transmissão se dá de A (educador) para B (educando), nós, educadores encontramos na interatividade os fundamentos da comunicação que forjam um novo ambiente de ensino e aprendizagem. Estes fundamentos apontam para a perspectiva que comunicar – em sala de aula presencial ou em ambientes de aprendizagem virtuais – significa engendrar a exploração livre e plural dos educandos, de tal maneira que a apropriação dos saberes, a utilização das tecnologias da informação e comunicação se efetuem como co-criação.

De fato, vivenciei essa possibilidade como aluna do curso de pedagogia na modalidade EAD e pude constatar o quanto a maioria das alunas tinham dificuldade de trocar entre si no ambiente virtual de aprendizagem – destinado sobretudo a estas trocas entre aluno-aluno – de assimilar essa outra lógica e participar dessa construção coletiva de conhecimentos.

Pude constatar dois momentos que aconteceram, ao longo dos três anos do curso de graduação, quando houve uma mudança significativa das interações em virtude dos professores especialistas assumirem o papel de mediadores no ambiente virtual de aprendizagem, um ano e meio após termos iniciado o curso – o que neste período havia sido tarefa dos tutores, os quais quase não conseguiam mobilizar os alunos para participarem, trocarem experiências, construírem conhecimentos no ambiente virtual de aprendizagem.

²² Pesquisa que resultou na tese de doutorado intitulada Gestão da Comunicação na Educação Superior à Distância, orientada pelo Dr. Adilson Citelli, defendida por Ademilde Silveira Sartori na ECA/USP em maio de 2005.

Percebi que a dificuldade foi advinda especialmente do fato de que a maioria das colegas tinha experiências com o ensino tradicional, tanto no papel de alunas quanto no de professoras que já exerciam o magistério, ou seja, a maioria postava mensagens no AVA, esperando a devolução apenas por parte do tutor, nos primeiros anos do curso, e, posteriormente, por parte do professor especialista, quando este assumiu o papel de mediador.

Como fui aluna de duas turmas, ao mesmo tempo, uma que era formada por alunas com mais idade e também a maioria com muitos anos de experiência no magistério, pude observar a diferença das interações que ocorriam no mesmo AVA. Com as alunas da 2ª turma do curso, eram intensas e ricas as trocas entre aluna-aluna, o que dificilmente acontecia com as alunas da 3ª turma do curso, a maioria destas adolescentes, algumas sem nenhuma experiência como professoras. Estas últimas, geralmente, postavam mensagens neste ambiente destinadas aos nossos professores especialistas, e não para fomentar alguma discussão com seus colegas, no sentido de construir conhecimentos, de modo coletivo.

Observei que, gradualmente, as colegas da 3ª turma do curso de pedagogia foram aprendendo a trocar idéias e experiências entre si, ao mesmo tempo em que ansiavam pelas trocas e devoluções por parte dos nossos professores especialistas, vivenciando, assim, a potencialidade destas para o seu aprendizado.

Ao conviver com as colegas nas duas turmas, constatei ainda que essas mesmas atitudes, posturas, vinham à tona nos encontros presenciais, quando tínhamos que socializar nossas produções, individuais e coletivas. Nestes momentos, também observei que as alunas da 2ª turma, com mais idade e que atuavam como educadoras, faziam trocas entre si, ouviam o que as outras colegas tinham a dizer, não esperando somente por parte do professor especialista e do tutor as devoluções – o que ficou explícito em um trabalho de conclusão de curso de uma destas alunas que relatou uma mudança de atitude, de concepção, de paradigma, ao longo do curso, quando passou a compreender que “não havia uma resposta certa” e que “estava não estava com a tutora ou professora especialista”, de tal maneira deixou de agir passivamente, transformando-se em ativa, responsável pelo seu aprendizado, o qual passou a ser fomentado especialmente nas interações, trocas com outras três colegas, com as quais se encontrava semanalmente, dentro da própria universidade, ao longo de quatro anos deste curso.

Participar de um curso à distância (...) significa conviver com a diversidade e a singularidade, trocar idéias e experiências, realizar simulações, testar hipóteses, resolver problemas e criar novas situações, engajando-se na construção coletiva de uma ecologia da informação, na qual valores, motivações, hábitos e práticas são compartilhados. (ALMEIDA, 2003, p. 338)

Distintamente dessa experiência com as colegas da 2ª turma, convivi também com as colegas da 3ª turma do curso de pedagogia, na modalidade EAD, que, especialmente nos primeiros dois anos do curso, vinham para os encontros presenciais a fim de exporem suas

produções para o professor especialista e o tutor, sem levar em conta seus colegas que também participavam destes, ou seja, com pouca disposição para as trocas de idéias e experiências – ainda alicerçadas em um modelo de ensino tradicional.

Essas atitudes foram, todavia, mudando, especialmente no final do segundo ano de curso, quando começaram a trocar entre si, a ouvir e dialogar com as colegas nos seminários de integração, realizados no fim de cada módulo do curso - sendo o curso composto 7 módulos, que são realizados, geralmente, em quatro anos.

Nesse sentido, verifiquei a crucial importância do papel dos professores especialistas e dos tutores como mediadores, que estimulam as interações entre as alunas, fazendo com que cada uma assuma o seu aprendizado e, ao mesmo tempo, aprenda com seus pares - que, solidariamente, assumem o papel de parceiros mais experientes.

Nos ambientes virtuais de aprendizagem, os educandos podem desenvolver, segundo Oliveira (2002, p. 92), algumas metaqualificações, entre as quais “comunicabilidade, criatividade, competências sociais, estratégias de resoluções de problemas, desenvolvimento da aprendizagem colaborativa, da intuição, da flexibilidade mental” Em consonância com esta autora, acredito que tudo isso corrobora à nossa formação como sujeitos autônomos²³ e, complementarmente, sociais.

Escrever e exercer a autoria no Ambiente Virtual de Aprendizagem

Ao participar do curso, de pedagogia, na modalidade EAD, interagir com minhas colegas em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), mergulhei em um espaço onde a comunicação ocorreu sobretudo pela leitura e interpretação de textos e hipertextos, pela leitura da escrita do pensamento do outro, pela expressão do próprio pensamento por intermédio da escrita (ALMEIDA, 2003).

A educação à distância com suporte em ambientes digitais numa perspectiva de interação e construção colaborativa de conhecimento favorece o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas com a escrita para expressar o próprio pensamento, interpretação de textos, hipertextos e leitura de idéias registradas pelo outro participante. Decorre daí o grande impacto que o uso desses ambientes na EAD poderá provocar não só no sistema educacional, mas também no desenvolvimento humano e na cultura brasileira, de tradição essencialmente oral (...). (ALMEIDA, 2003, p. 338)

Comunicar por escrito, registrar idéias, teorias e práticas, é, a meu ver, o principal desafio destes cursos realizados a distância. Escrever sobre a “experiência vivida, (...) a prática profissional, (...) as dúvidas e os dilemas enfrentados, sobre a própria aprendizagem não é uma

²³ OLIVEIRA (2002) em seu texto ressalta o conceito de “autonomia relativa” do sujeito em relação ao meio, como reitera MORIN (1998) em sua obra “Ciência com consciência”.

tarefa simples, pois exige, ao mesmo tempo, toma-los como objeto de reflexão e documentá-los por escrito.” (CANÁRIO, 2007)

Observei que a maioria dos colegas do curso de pedagogia, na modalidade EAD, demonstraram, ao longo do curso, muitas dificuldades para escrever – e também para ler²⁴, de modo crítico, conforme depoimentos de várias colegas, que, durante o curso, muitas vezes não conseguiam ler, extrair as idéias centrais dos textos que constavam em nossos guias didáticos e nem mesmo se posicionarem diante do que liam, além de não conseguirem, frequentemente, expressar por escrito aquilo que pensavam acerca dos questionamentos que eram postados pelos professores especialistas no AVA.

É importante ter em conta os resultados das pesquisas realizadas em 2001/2003/2005 pelo Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa, que indicam que apenas 26% de um universo de 2 mil brasileiros com idades entre 15 e 64 demonstram proficiência na leitura, enquanto 74% apresentam dificuldades. (...) Se o resultado dessa pesquisa for uma amostra representativa do que acontece com toda a população brasileira (...) é dramático o quadro em relação à leitura e, tendo em conta que as pessoas escrevem ainda menos do que lêem, mais dramático em relação à escrita. (PRADO e SOLIGO, 2007, p.41).

Também verifiquei que, ao longo do curso, à medida em que fomos escrevendo, cotidianamente, e interagindo por meio da escrita no ambiente virtual de aprendizagem, uma parte das colegas, que tinham dificuldades, foi se arriscando a dizer o que pensava por escrito, algumas vezes sem repetir o que liam, e também a refletir sobre o que os outros colegas pensavam e escreviam, especialmente quando passaram a ser avaliadas por suas produções semanais por parte dos professores especialistas.

Constatei que, com a experiência de aprenderem com a colaboração de outros colegas mais experientes, que já atuavam como educadores há muito tempo, a maioria foi escrevendo textos coletivos – por solicitação dos professores especialistas que estimulavam e solicitavam a postagem no ambiente virtual destes textos elaborados, preferencialmente, em grupo - superando, deste modo, o medo de escrever, de arriscar a dizer a própria palavra, ou seja, de exercitar a autoria (PRADO e CUNHA, 2007).

Ressalto aqui, que quando os professores especialistas realmente assumiam o papel de mediadores, dando os retornos sobre nossas produções escritas, individuais e coletivas, postadas no AVA, de fato, houve uma mobilização maior por parte de nós, alunas do curso de pedagogia, inclusive se intensificando as trocas e as construções de conhecimento entre os colegas. Nessas situações, nós, alunas da pedagogia, nos sentíamos desafiadas a estudar, a aprender e também responsáveis por ensinar nossos colegas menos experientes. Assim,

²⁴ Para obter maiores dados sobre essas pesquisas podem ser encontrados no site da Ação Educativa www.acaoeducativa.org.br

assumíamos nosso aprendizado e participávamos do aprendizado dos demais colegas – não esperando apenas pelas intervenções dos nossos professores especialistas e tutores.

Parece-me oportuno relatar que a experiência de escrever, semanalmente, no ambiente virtual de aprendizagem fez com que eu, na condição também de formadora de outros educadores, retomasse inclusive a minha própria produção de textos, escritos em anos anteriores, por ocasião da realização do meu doutorado em Educação na UFRGS, reafirmando a minha condição de educadora que tem o que dizer, que escreve, de modo autoral, que dialoga e aprende com as colegas, alunas-educadoras, especialmente com as que vêm forjando práticas colaborativas nas quais atuam como parceiras dos educandos. Assim, pude perceber o potencial da escrita para a nossa formação como alunas-educadoras.

A escrita em um curso EAD como dispositivo de formação do pedagogo

Nesse contexto, a escrita constitui-se como “dispositivo” e, ao mesmo tempo, “estratégia de formação” (CANÁRIO, 2007) de educadores, compreendendo-os como autores e, a um só tempo, atores dos processos educativos. Para este autor, “ao dar conta de dispositivos de formação estruturados na produção escrita (...), aquilo que se está a fazer é contribuir, de forma poderosa, para reforçar o professor como profissional”, que além de ser capaz de produzir seus conhecimentos – mudando a perspectiva da lógica da formação em que estes apenas seriam consumidores de informações.

Na perspectiva de pesquisadores como CANÁRIO e também PRADO e SOLIGO (2007), os educadores não só produzem seus conhecimentos, mas fundamentam e comunicam, por escrito – sendo, nesse caso, a escrita uma estratégia de pesquisa, formação, intervenção, através da qual estes, que constroem e pensam suas práticas profissionais, podem dizer a sua palavra.

A reflexão por escrito é um dos mais valiosos instrumentos para aprender sobre quem somos nós – pessoal e profissionalmente – e sobre a nossa atuação como educadores, uma vez que favorece a análise do trabalho realizado e do percurso de formação, o exercício da capacidade de escrever e pensar, a sistematização dos saberes e conhecimentos construídos, o uso da escrita em favor do desenvolvimento intelectual e da afirmação profissional. (CANÁRIO, 2007)

Escrevendo – e lendo – nós, educadores, podemos nos exercitar não apenas como atores dos processos educativos, ultrapassando, assim, as possíveis tutelas que cerceiam nossas iniciativas e ações, mas nos constituirmos como “autores”, que escrevem suas próprias histórias. Nessa condição, sabemos que, verdadeiramente, poderemos oportunizar a formação de nossos educandos como leitores e escritores no espaço escolar. Não estaríamos, assim, cumprindo um dos nossos principais papéis como educadores?

Considerações finais

Ao longo do curso de Pedagogia, na modalidade Educação à Distância, constatei que nós, alunos, fomos, gradualmente, mudando nossas concepções de ensinar e aprender no sentido de não esperarmos dos nossos professores especialistas e tutores as “respostas certas”, mas de construirmos nossos conhecimentos em parceria com estes - que assumiram seus papéis como medidores, dando retorno, por escrito, a cada aluno no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) - mas também com nossos colegas mais experientes, com os quais a maioria foi aprendendo a estudar, a aprender, a escrever textos coletivos e individuais, superando, assim, o medo de “dizer a própria palavra”.

Evidenciei ainda que os alunos – que já atuavam como educadores, a maioria destes já adultos – foram os que mais se dispuseram a esse aprendizado colaborativo, tornando-se, assim, não independentes, mas “interdependentes”, na concepção de Paloff e Pratt (2002).

Aprendendo colaborativamente, escrevendo – e lendo – com as colegas, orientados pelos professores especialistas e tutoras, verifiquei o potencial da escrita como dispositivo de nossa formação profissional. Escrevendo, semanalmente no AVA, uma parte das colegas do curso de pedagogia vivenciou a significativa experiência de transformarem-se em autores e ao mesmo tempo atores, que se arriscam a dizer e produzir seus conhecimentos.

Referências

ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.2, Dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022003000200010&lng=en&Nrm=iso. Acesso em: 30 mai. 2009.

ALVES, L.; NOVA, C. *Educação à distância: limites e possibilidades*. In: ALVES, L.; NOVA, C. (Orgs.) *Educação à distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade*. São Paulo: Futura, 2003. p. 1-23.

CANÁRIO, R. Prefácio. In: PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R. (Orgs.) *Porque escrever é fazer história*. (Orgs.) Campinas, SP: Alínea, 2007. 362p.

CHARLOT, B. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2005. 159p.

PALOFF, Rena M; PRATT, Keith. *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RIVOLTELLA, P. C. O papel das novas tecnologias na escola. Disponível em: http://www.aurora.ufsc.br/artigos/entrevista_rivoltella.htm. Acesso em: 03 jun. 2006.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998. 214p.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999. 264p.

OLIVEIRA, L. M. P. Educação a distância: novas perspectivas à formação de educadores. In: MORAES, M. C. (Org.) *Educação a distância: fundamentos e práticas*. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 2002. p. 91- 97.

PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R. (Orgs.) *Porque escrever é fazer história*. (Orgs.) Campinas, SP: Alínea, 2007. 362p.

PRADO, G. do V. T.; CUNHA, R. B. (Orgs.) *Percursos de autoria: exercícios de pesquisa*. Campinas, SP: Alínea, 2007. 230p.

SILVA, M. EAD On-line, cibercultura e interatividade. In: ALVES, L. e NOVA, C. (Orgs.) *Educação à distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade*. São Paulo: Futura, 2003. p. 51-62.
